
OS DESAFIOS DA OBRAC 2019 E A PRODUÇÃO CARTOGRÁFICA COMO MEIO DE APRENDIZADO E DISCUSSÃO DE TEMAS SOCIAIS RELEVANTES

Wagner dos Santos Oliveira¹
Manuela Alves Pires^{1,2}
Manuela Ferreira de Souza¹
Ana Beatriz de Moura Alves¹

¹Colégio Dom Feliciano, Rede ICM de Educação.

²Faculdade de Direito, Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Correspondência:

Wagner dos Santos Oliveira

Colégio Dom Feliciano – Av. Dr. José Loureiro da Silva, 655, Centro, Gravataí, CEP.: 94010-001 – RS, Brasil.

Email: wagner@colegiodomfeliciano.com.br

Recebido em agosto de 2020

Aprovado em dezembro de 2020

Artigo disponível em: www.cadegeo.uff.br

The Challenges Of OBRAC 2019 And Cartographic Production As A Means Of Learning And Discussion Of Relevant Social Issues

Resumo

Este artigo tem por objetivo relatar a participação da equipe do Colégio Dom Feliciano, de Gravataí-RS, na 3ª Olimpíada Brasileira de Cartografia, que ocorreu em 2019, mais precisamente na etapa II da competição, constituída por provas práticas, que trouxe como proposta a elaboração de produtos cartográficos, mais precisamente um croqui, um mapa tátil e um *story map*. Além da produção cartográfica em si, foi destacado a importância de se estudar e debater sobre problemas que estão presentes no nosso cotidiano, como a acessibilidade para pessoas com deficiência visual ou de locomoção e a questão dos refugiados. Para abordar todos estes assuntos, este trabalho está dividido em três capítulos, onde cada um trata de um dos produtos cartográficos elaborados durante a realização das tarefas da OBRAC 2019, desde a sua concepção, trabalhos de pré-produção e produção, confecção dos produtos e o resultado final de cada um, apresentando textos e imagens e discussões com outros autores para embasar cientificamente as informações apresentadas na obra.

Palavras-chave: cartografia, acessibilidade, refugiados.

Abstract

This article aims to relate the participation of Colégio Dom Feliciano's team, from Gravataí-RS, at the 3rd Brazilian Cartography Olympiad, which happened in 2019, more specifically the second phase of the competition, composed of practical exams, that brought a proposition of making cartographic products, more precisely a sketch map, a tactile map and a story map. Besides the cartographic production itself, it was highlighted the importance of studying and debating about the everyday problems, such as accessibility for visually or physically impaired people and the refugees' crisis. In purpose to approach those aspects, this article is divided in three chapters, which each one of them addresses a different cartographic project made during the accomplishment of OBRAC's tasks, since its conception, pre-production and production work, product making and the end results of them all, presenting texts and images, as well as discussions with other authors to support, scientifically, the information presented here.

Keywords: cartography, accessibility, refugees.

1 INTRODUÇÃO

No cotidiano, em momentos banais, com muita frequência nos deparamos com algum tipo de produto cartográfico, mesmo que não nos esteja claro isso. Apesar de existirem mapas desde a antiguidade e que a cartografia, provavelmente, tenha surgido na pré-história com a necessidade de registrar informações espaciais importantes à vida naquela época, cada vez mais diferentes produtos cartográficos se disponibilizam a favor de nossa necessidade ou conforto. Podemos citar desde a previsão do tempo até os aplicativos de navegação rodoviária, muito popularizados atualmente.

O presente artigo tem como objetivo divulgar os resultados da participação da equipe constituída por um professor e quatro alunos e alunas do Colégio Dom Feliciano, de Gravataí-RS, na Olimpíada Brasileira de Cartografia (OBRAC), da edição de 2019, sobretudo em relação às tarefas apresentadas na etapa II da competição, onde foram propostas atividades práticas relacionadas com a produção cartográfica.

A fase 1 da etapa II exigia a criação de dois produtos cartográficos distintos, porém interligados. Trazendo o problema da acessibilidade no espaço urbano, o desafio se referia à elaboração de um croqui, “uma representação esquemática do terreno [...] a partir de um levantamento expedito, com pouca precisão” (FITZ, 2008, p. 33), que apresentasse alvos que poderiam favorecer ou prejudicar o deslocamento de pessoas com deficiência visual ou cadeirantes no entorno do colégio da equipe participante. Este trabalho era necessário para a confecção do produto principal: um mapa tátil que pudesse ser utilizado por pessoas com deficiência visual para se localizarem e planejarem seu deslocamento na região mapeada. Sobre este tipo de produto cartográfico, LOCH (2008, p. 39) esclarece:

[...] os mapas táteis, principais produtos da cartografia tátil, são representações gráficas em textura e relevo, que servem para orientação e localização de lugares e objetos às pessoas com deficiência visual. Eles também são utilizados para a disseminação da informação espacial, ou seja, para o ensino de Geografia e História, permitindo que o deficiente visual amplie sua percepção de mundo; portanto, são valiosos instrumentos de inclusão social.

Sendo assim, o desenvolvimento do croqui e do mapa tátil, que representam a acessibilidade no entorno do Colégio Dom Feliciano, são apresentados de maneira separada, de acordo com as diferenças metodológicas para a elaboração de cada um. Porém os resultados e discussões são trazidos de maneira conjunta, dada a relação entre os dois produtos.

A fase 2 da etapa II trouxe o desafio de representar em um *story map* a história de uma pessoa refugiada. Apesar de haver a possibilidade de usar a história de personagens retratados no livro *Êxodos*, de Sebastião Salgado ou no documentário *Humanflow*, de Ai Weiwei, decidiu-se por escolher uma pessoa da convivência dos integrantes da equipe, que se caracterizaria como refugiada, de acordo com a organização da OBRAC. No Colégio Dom Feliciano há alguns funcionários haitianos e, também alunos haitianos e venezuelanos, que se deslocaram no contexto das crises existentes em seus países. A personagem escolhida foi a então aluna do Ensino Médio e atual estudante do Curso Técnico em Química do Colégio Dom Feliciano, Sofia Valera. Ela teve participação crucial nesta fase, pois foi a partir de seu relato e de fotos disponibilizadas por ela que foi elaborado o *storymap*.

O processo de concepção, estudos e elaboração de cada um destes produtos cartográficos estão descritos no texto a seguir, estruturado de maneira que cada fase da etapa II da OBRAC é abordado em um capítulo subdividido de acordo com as etapas de produção.

2 FASE 1 DA ETAPA II: A CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE PROMOÇÃO DA INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE

A Olimpíada Brasileira de Cartografia 2019 foi dividida em duas etapas, sendo a Etapa I constituída por provas teóricas realizadas em grupos e a Etapa II se configura de duas provas práticas, chamadas de Fase 1 e Fase 2, onde as equipes deveriam criar produtos cartográficos de acordo com a temática e o desafio apresentados na proposta de atividade. A Fase 1 da Etapa II foi dividida em duas tarefas onde o tema central era o mesmo, porém a prática envolvia produtos cartográficos diferentes, de acordo com o apresentado a seguir.

2.1 Croqui

Para a primeira prova prática da segunda etapa da Olimpíada Brasileira de Cartografia de 2019, foi pedido pela comissão organizadora que atentassem às problemáticas envolvendo a acessibilidade no país, com um enfoque maior a área do Colégio Dom Feliciano. Nesse ínterim, deveriam mapear os pontos de acesso da instituição de ensino e, após, realizar o feitiço de um croqui, que é, segundo De Biaggi (1996, p. 18):

[...] um tipo de trabalho que se constrói paulatinamente enquanto discurso gráfico, como uma ocasião de ensaios ou mesmo síntese momentânea do estado de uma reflexão. [...] o croqui se revela como uma primeira tentativa de compreender uma realidade em construção de forma simples e arrojada.

Portanto, a atenção foi voltada a elementos que facilitem ou dificultem a transitabilidade na quadra do Colégio Dom Feliciano e em outras três próximas.

2.1.1 Metodologia

Partindo da apresentação da proposta pela organização da OBRAC, a área que seria o foco de nosso croqui foi escolhida e suas coordenadas geográficas foram estabelecidas, de forma a delimitar e facilitar o subsequente trabalho de campo. No mesmo momento, foram organizados outros fatores que seriam fundamentais, como o aplicativo utilizado e a distribuição das tarefas entre os membros do grupo.

Em um segundo momento, após estar com a área delimitada e a distribuição das tarefas estabelecida, separaram-se em dois grupos para que fosse possível a realização mais ágil do levantamento dos dados, ou melhor, dos elementos que facilitam ou dificultam a transitabilidade.

Depois da coleta das informações relevantes para o croqui - localização e fotografia de buracos, postes e outros -, reuniram-se na escola e conversaram sobre a problemática encontrada. Ao observarem as calçadas, concluíram que a cidade é muito pouco acessível, tornando-se perigosa para a locomoção de pedestres, o que, conforme o Ministério Público do Rio Grande do Sul (2010, p. 1), se coloca como um empecilho ao acesso a um direito fundamental:

O direito de ir e vir é direito fundamental consagrado pela Carta Constitucional de 1988, porém quando nos deparamos com uma sociedade constituída de edificações, ruas, parques, entre outros tantos espaços, sem condições de acesso por pessoas com deficiência ou com mobilidade reduzida, constatamos gritantes violações de direitos humanos fundamentais, pois ao violar o direito de ir e vir de um cidadão, viola-se também a sua dignidade.

Partindo desta conversa, consideraram imprescindíveis para o croqui representar: elementos danosos para os pedestres, como postes, placas, pisos acidentados, buracos e obstáculos; e elementos facilitadores, como rampas, piso tátil e faixas de segurança. Voltaram-se, então, para a produção do croqui no Google MyMaps, adicionando as fotografias e os ícones correspondentes aos componentes selecionados. Para fins de estética e percepção visual, os ícones tiveram cores e símbolos variados e o mapa selecionado, a menor quantidade possível de informações excessivas e desnecessárias para o trabalho.

2.2 Mapa Tátil

A Cartografia Tátil é imprescindível para a inclusão de pessoas cegas ou com baixa visão no meio educacional, além da viabilização de sua locomoção cotidiana de maneira mais independente, uma vez que esse ramo da Cartografia se dedica a desenvolver mapas e outros materiais cartográficos que possam ser lidos sensorialmente por essas pessoas. Nesse contexto, a proposta da segunda prática da III OBRAC, que constitui na confecção de um mapa tátil que estabeleça uma rota de locomoção de pessoas cadeirantes e/ou com problemas de visão que intentam ir a determinada escola, colocou em pauta a promoção de acessibilidade e, portanto, inclusão social e educacional no ambiente que circunda o Colégio Dom Feliciano, em Gravataí, RS, em que o grupo estuda; ressaltando que essa pauta é seriamente relevante e presente no contexto social do município de Gravataí, já que segundo o Censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE), 20.387 pessoas possuem algum tipo de deficiência (visual, motora, auditiva, mental) em Gravataí, destas a deficiência visual estava presente em 7.628 pessoas e a deficiência motora em 6.041 pessoas (IBGE, 2010).

Assim sendo, para a elaboração do mapa tátil foi delimitada a área a partir das paradas de ônibus mais próximas do colégio até o próprio Colégio Dom Feliciano e, conseqüentemente, os elementos que facilitam ou prejudicam a acessibilidade na calçada e rua presentes nesse percurso. Assim, no determinado trajeto identificou-se numerosos obstáculos indevidos nas calçadas e recorrente ausência de piso tátil, revelando um percurso impraticável para pessoas cadeirantes e/ou deficientes visuais sozinhas. Assim, é importante ressaltar que as desvantagens encontradas na vida escolar de pessoas cadeirantes e/ou cegas ou com baixa visão estão intrinsecamente relacionadas a carência de planejamento de acessibilidade contidas na sua cidade e, portanto, no seu percurso diário até a escola, ou seja, a preparação das calçadas e ruas de uma cidade e sua acessibilidade determina a perspectiva acadêmica de alunos com deficiência e é dever de cada poder público local promover tal acessibilidade, conforme explica CACCIA (2019, p.14):

É um dever dos municípios possibilitar espaços que permitam, com liberdade e segurança, o acesso, a troca, a interação e a inclusão na experimentação das atividades, promovendo a qualidade de vida e o direito ao lazer para sua

população. Todas as pessoas são beneficiárias da acessibilidade, mas algumas dependem dela para a equiparação de oportunidades.

Além disso, também foi averiguado que materiais cartográficos táteis são pouco acessíveis no município, uma vez que estes não estavam presentes nas duas principais bibliotecas da região, a biblioteca municipal e a biblioteca do Sesc, e na biblioteca do próprio Colégio Dom Feliciano. Por conseguinte, sabe-se que esse descaso é determinante para afastar e excluir as pessoas com deficiência visual do meio escolar e também da própria interação com a comunidade local, já que elas perdem sua autonomia e acesso livre à informação e ficam à disposição da falta de recursos que permitam o exercício de seu direito de educação e liberdade, desse modo todo o contexto favorece a exclusão das pessoas com deficiência. Segundo PEREIRA (2019), conforme citado por MORO; GIACUMUZZI (2015): “A Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes (ONU, 1975) ratifica os direitos humanos e estabelece a relação de igualdade de direitos das pessoas com deficiência como todas as demais pessoas”. Com isso, a escassez de materiais próprios para o aprendizado de pessoas com problemas de visão, como os mapas táteis, tanto na instituição escolar quanto nos meios públicos de aprendizado, é fator substancial para a sensação de não pertencimento do meio acadêmico, conforme ratifica STOCKMANN (2019, p.42):

Os empecilhos e as barreiras estão relacionados ao ambiente e não ao próprio indivíduo, isso é fato. Pois, as produções de escrita da sociedade, as quais ditam o que se faz, estão centradas na leitura e na escrita alfabética e em tinta a qual a criança vidente tem acesso naturalmente. O mesmo não acontece com a criança com deficiência visual, em virtude da comunicação tátil (imagens e braille, por exemplo) não ser socialmente estabelecida.

2.2.1 Metodologia

O mapa tátil desempenha a função de incluir as pessoas cegas ou com baixa visão no importante âmbito da leitura de diferentes localizações a partir de representações cartográficas, conforme explica ALMEIDA (2005, p.4):

Tanto para as pessoas com visão normal quanto para as pessoas portadoras de deficiência visual, as representações cartográficas conceituem-se em auxílio precioso na localização lugares tais como, ruas, endereços, cidades, acidentes geográficos naturais etc... No caso da confecção de um mapa tátil, as variáveis gráficas a serem utilizadas na sua construção são, a textura, o tamanho, a forma e a altura, utilizando para tanto materiais não abrasivos.

Desse modo, foi elaborado um mapa tátil de um trajeto em direção ao Colégio Dom Feliciano, compreendido das paradas de ônibus mais próximas até o próprio colégio, que pudesse ser lido sensorialmente por pessoas cegas ou com baixa visão, com o objetivo de informá-las tanto do trajeto em si quanto os obstáculos encontrados nele.

Portanto, para construir o mapa tátil, foi previamente realizado um croqui, contendo os elementos que facilitavam ou prejudicavam a acessibilidade na calçada da área delimitada. Em seguida foi feita a confecção do mapa em um papel paraná 80cm x 100cm através da abordagem de diferentes texturas para representar os elementos delimitados, sendo eles os buracos, piso tátil, faixas de segurança, praças, rampas de acesso, construções, estradas e postes, respeitando a escala definida de 1:320 no mapa. Vale ressaltar que nesse contexto de colocar as informações averiguadas no mapa, intentou-se a objetividade e simplicidade na abordagem das texturas, pois conforme ALMEIDA (2005, p.4) reitera:

Um mapa tátil deve apresentar um conjunto harmonioso de símbolos, texturas e elementos que transmitam a mensagem proposta com simplicidade. Deve-se evitar o excesso de dados que em vez de facilitar, complica a obtenção de informações.



Figura 1. Processo de confecção do mapa tátil. Fonte: Arquivo pessoal

Após, foi elaborada a legenda do mapa, em que configurou-se para cada textura utilizada, o seu respectivo significado, tanto em escrita alfabética quanto em braille. Por fim, todos os pequenos detalhes foram analisados e aperfeiçoados, e o mapa tátil foi finalizado.

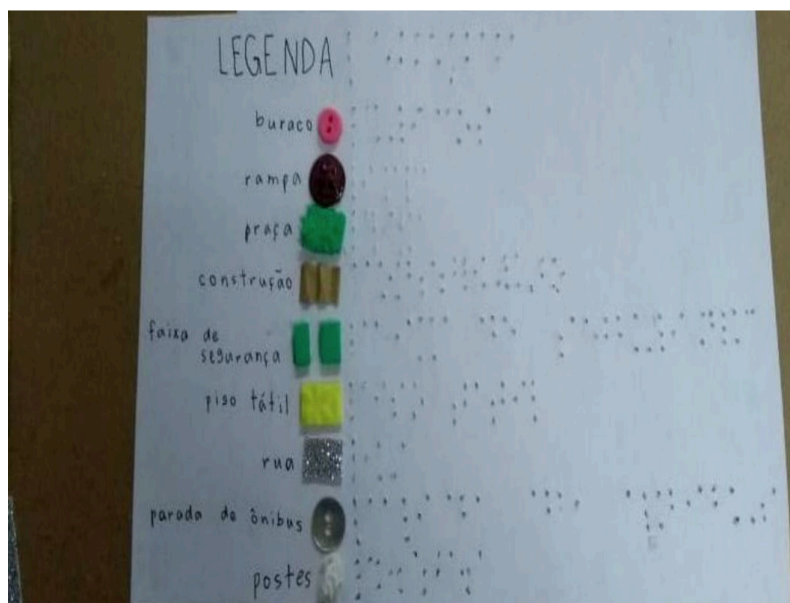


Figura 2. Detalhe da legenda do mapa tátil em braille. Fonte: Arquivo Pessoal

2.3 Resultados

Após a preparação, pesquisa e trabalho, o croqui ficou pronto. Foram encontradas 28 faixas de pedestres; 22 rampas de acesso; 5 pontos de ônibus; 228 obstáculos, entre eles 38 postes, 40 buracos, 22 pisos danificados e 128 outros (placas, objetos no meio do piso tátil e etc). Convém

2.3.3 Discussões

Durante o processo de confecção, manifestaram-se diversas reflexões quanto às questões de acessibilidade e inclusão que abrangem as pessoas com deficiência visual e cadeirantes, principalmente em relação ao que é vivido por eles no entorno do Colégio Dom Feliciano e conseqüentemente na comunidade gravataiense. Constatou-se que as pessoas com deficiência física e visual são excluídas de tal maneira da estrutura arquitetônica do município ao ponto de serem impossibilitadas de exercerem seus direitos básicos como cidadãos brasileiros, principalmente se tratando do acesso à educação e a locomoção plena como qualquer outro residente do local; uma simples ida a escola se torna um desafio, e coloca em risco até mesmo a vida e saúde do cadeirante e/ou deficiente visual, como reitera CACCIA (2019, p.52):

A falta de controle e planejamento dos espaços públicos, entre eles, as calçadas, gera problemas como a falta de segurança e de acesso aos equipamentos urbanos e até impede a livre circulação das pessoas. A acessibilidade das calçadas, portanto, é uma questão de extrema importância à vida urbana por sua função de garantir segurança e conforto à circulação das pessoas. Quando as calçadas não estão adequadas, todos sofrem, principalmente idosos e pessoas com mobilidade reduzida.

Acrescenta-se a essas precárias condições das calçadas e ruas ao fato de que até mesmo no âmbito escolar as pessoas cegas ou com problemas de visão ainda enfrentam empecilhos para seu aprendizado e como consequência disso mais exclusão no município de Gravataí. Isso porque o material tátil é pouquíssimo difundido nas instituições de ensino e bibliotecas da região, o que prejudica em demasia o aprendizado desses indivíduos e a conquista de autonomia e liberdade dos mesmos, como explica STOCKMANN (2019, p. 42), tratando da questão da insuficiência de oportunidades de aprendizado inclusivo no letramento, mas que se estende a todos outros âmbitos acadêmicos em relação aos recursos disponíveis:

Esses sujeitos ficam à mercê da falta de possibilidades para galgarem espaços de letramento, nos quais possam transitar com autonomia. Nunes e Lomônaco (2008, p. 121) consideram que “a deficiência visual – assim como os outros tipos de deficiência – assume na sociedade em que vivemos uma diferença que é considerada uma desvantagem”.

Por fim, concluiu-se que é imprescindível que o município de Gravataí atue de maneira efetiva em prol da inclusão das pessoas cadeirantes e/ou deficientes visuais na comunidade, já que seus direitos básicos de educação estão sendo limitados por falta de recursos inclusivos, bem como sua liberdade de locomoção não estão sendo garantidos conforme prevê a Constituição, como reafirma PMPA (2007 apud CACCIA, 2019, p. 14):

O direito de livre acesso ao meio físico e de livre locomoção é um direito constitucional e deve ser garantido a todos, sobretudo para as pessoas com deficiências e mobilidade reduzida ou momentaneamente reduzida, o que inclui pessoas idosas, obesas, gestantes, pessoas com carrinho de bebê e com estatura baixa acentuada, por exemplo.

Portanto, para alcançar tal inclusão é necessário o investimento em materiais metodológicos educacionais inclusivos, como os materiais cartográficos táteis, além da efetivação de projetos arquitetônicos que visem a reestruturação das ruas e calçadas da cidade em vista de que elas se tornem mais acessíveis; isso compreende a correção de buracos, postes mal assentados e rampas de acesso danificadas, como também a continuidade plena de piso tátil nas calçadas. Afinal é de responsabilidade de o município garantir o acesso universal a todos os espaços públicos oferecidos por ele, bem como explicam BÍSSIGO; BRUSCATO; VASCONCELLOS, (2015 apud PEREIRA, 2019, p.32).

As cidades, com seus espaços públicos e construções, devem promover acesso universal a todas as pessoas, independentemente de suas necessidades e diferenças, pois, cada uma se caracteriza, em sua individualidade, por ser diferente, principalmente em sua condição física. A acessibilidade arquitetônica privilegia mudanças no meio físico e oportuniza a todas as pessoas a realização de atividades cotidianas com autonomia, ou seja, é a acessibilidade sem barreiras físicas, sejam elas nas residências, nos espaços públicos (como logradouros e edificações) ou nos meios de transporte.

3 FASE 2 DA ETAPA II: A CARTOGRAFIA COMO FERRAMENTA DE CONTAR HISTÓRIAS

O tema central da tarefa apresentada na Fase 2 da Etapa II da OBRAC 2019 foi a crise migratória e a história dos refugiados. *Storymap* foi o produto cartográfico escolhido pela organização da competição para que a equipe contasse a história de uma pessoa que experimentou uma migração forçada.

3.1 Storymap

Na III Olimpíada Brasileira de Cartografia, a atividade da fase 2 da Etapa II consistia na elaboração de um *Story Map*, sobre a história de um refugiado. Consoante com Iturrioz *et al* (2016), *Story Maps* podem ser definidos como uma exibição explícita dos pontos de trajetória espaciais e temporais na área em que a história é construída (tradução nossa).

Na legislação brasileira (BRASIL, 1997), refugiado é aquele que por perseguição de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas encontra-se fora de seu país de nacionalidade e não possa ou não queira acolher-se à proteção de tal país.

Nesse sentido, após discussões presenciais e virtuais, o grupo decidiu relatar a história de uma refugiada que é aluna do Colégio Dom Feliciano, a venezuelana Sofía Valera - que veio ao Brasil no ano de 2018. De acordo com Lima (2020), ao longo da gestão Temer, o desafio migratório principal foi o fluxo de venezuelanos ao Brasil devido à crise econômica e política. Segundo o Relatório da Human Rights Watch (2018), as decisões tomadas em 2017 pelo Governo Venezuelano criaram um ambiente limitador à promoção dos direitos humanos na sociedade civil.

3.1.1 Relato

Sofía Valera morava em San Diego, Carabobo, na Venezuela na casa de sua mãe, pois seus progenitores são divorciados. Seu pai estava desempregado e morava com sua família em outra cidade. O desejo de sair da Venezuela já era antigo entre pai e filha, desde 2009 esse pensamento já os rondava, devido às carências de água, alimentação e luz do país, bem como a violência militar e popular. Antes do Brasil ser escolhido, eles pensaram também em uma mudança para a Austrália e para o Chile.

Para conseguir recursos para sair do país com a filha, o pai de Sofía vendeu seu apartamento a um militar venezuelano em dinheiro efetivo (dólares). Com a ajuda de alguns conhecidos que o pai conheceu no Brasil quando trabalhava para a empresa Bridgestone Firestone, as passagens aéreas para fazer a rota Boa Vista-Brasília-Porto Alegre foram compradas, mas ainda era preciso sair da Venezuela.

A mãe de Sofía ficou ainda em San Diego, pois, ainda que se tratasse de uma situação triste, não conseguia abandonar o seu país de origem - deu, porém, todo o seu apoio para a filha.

Sofía relata que essa separação a fez sofrer muito também, já que vários amigos seus também saíram do país naquele ano (2018).

Ademais, Sofía, começando o seu trajeto no dia 12/08/2018, relatou sofrimento e estresse até chegar ao Brasil. Isso se deve à infraestrutura rodoviária precária de seu país e as tensões internacionais com o fechamento da fronteira de Venezuela-Brasil em Roraima, o que fez com que a viagem fosse adiada em um dia assim que a divisa foi aberta novamente. Sofía relatou que passou por muitas cidades até chegar ao Brasil.

Quando chegou ao Brasil (16/08/2018) no estado de Roraima, Sofía admirou-se com Roraima, mesmo que ainda não fosse um dos estados mais desenvolvidos do país, as atividades ocorriam em normalidade, considerando melhor que a própria capital venezuelana. Outrossim, relata que havia muitos venezuelanos em situação de pobreza na cidade. No dia que chegaram no aeroporto de Boa Vista (18/08/2018), Sofía relatou que os passageiros eram cerca de 90% da Venezuela, a maioria com destino à Argentina.

Ao fazer a conexão em Brasília, Sofía contou que impressionou-se com o movimento do aeroporto, além de ficar deslumbrada com uma casa de câmbio e com as marcas internacionais. Já em Porto Alegre, sentiram muito frio, e passaram mal em razão do clima. Foram acompanhados por alguns conhecidos do seu pai do antigo trabalho do aeroporto até a um hotel em Gravataí.

No dia 20/08/2018, ela e seu pai viram as notícias sobre a Venezuela: mudanças monetárias sem nenhum controle e aprovação da população. Também ficaram sabendo que o acampamento de venezuelanos que haviam estado na fronteira fora queimado por moradores da fronteira: “Brasileiros organizaram uma manifestação contra a entrada de venezuelanos no país, mas o protesto resultou em atos de violência contra os refugiados. Agressões físicas foram registradas e as tendas onde os estrangeiros estavam abrigados foram destruídas (VEJA, 2018).”

3.1.2 Metodologia

Para dar início a elaboração do *Story Map*, o grupo discutiu, por meios virtuais, as possíveis histórias que poderiam ser contadas, decidindo-se por Sofía Valera, justamente por a conhecerem pessoalmente, contando uma história não somente fidedigna, mas também com uma conexão com o grupo e com a história da cidade, Gravataí. Nesse sentido, o pedido foi feito pelo professor Wagner, o qual Sofía aceitou prontamente.

A equipe e a Sofía reuniram-se no dia 14 de agosto de 2019 nas dependências do Colégio Dom Feliciano, momento no qual ela relatou toda a sua história em detalhes: de San Diego até Gravataí, bem como, mais tarde naquele dia, escreveu ao grupo um resumo de sua trajetória. Nesse texto, os lugares pelos quais ela havia passado estavam sinalizados com uma breve explicação do que aconteceu na localidade - sendo inclusos fotos, vídeos e áudios desses dias.

Com a entrevista realizada e os dados recolhidos, o time dividiu-se em: edição do vídeo, escrita do relatório, construção do *Story Map* e revisão do trabalho. Optou-se pela técnica de sumarização em um mapa já pronto do aplicativo a fim de sintetizar a história. Sobre a sumarização: “Os sumários de textos, aqui tomados em sua acepção de resumos, são, por sua vez, também textos. Por essa razão, constituem igualmente objetos de comunicação” (RINO e PARDO, 2003, p.1).

O aplicativo escolhido foi o *Knight Lab*, plataforma desenvolvida pela *Northwestern University*, criando *slides* no *Knight Lab* - conforme relato de Sofía passou pelos lugares. Foram utilizadas notícias, imagens pessoais, imagens de internet, previamente selecionados para o grupo.

Por fim, o trabalho estava finalizado e revisado pelo professor. Em última instância, o mapa foi enviado para Sofia - que ficou feliz em saber que sua história seria contada, servindo de inspiração para tantas pessoas na mesma situação.

3.1.3 Resultados

O *Story Map* com a história de Sofia Valera continua disponível ao acesso de todos no link <https://bit.ly/3jBbyqT>. Os slides do *Story Map* foram elaborados conforme a Figura 5.



Figura 5. Imagem de um dos slides da apresentação do *Story map* que conta a história da migração de Sofia Valera. Fonte: elaborada pelos autores.

Diante da história de Sofia, tornou-se possível entender melhor as questões, os sentimentos e os danos materiais de um refugiado. Nesse aspecto, a equipe tornou-se mais social e criticamente cientes da situação dos vizinhos venezuelanos, uma realidade, em certo sentido, tão longe da brasileira.

Assim, o trajeto realizado por Sofia para conseguir refúgio no Brasil assemelha-se ao de muitos outros venezuelanos que, também pela situação precária de seu país de origem, deslocam-se para outro país em busca de uma qualidade de vida melhor. Consta-se: “Atualmente muitos venezuelanos já pedem refúgio ao Brasil, a fim de fugir da crise em que encontra o Estado da Venezuela e aqui procuram espaço para estabelecerem com suas famílias” (BRAZ, 2018, p.29).

Consoante a Cartografia Social, definida como “um processo de construção coletiva que aproxima, em uma mesma categoria de importância, pesquisadores e agentes sociais mapeados” (SANTOS, 2016, p.2) confirma-se no presente trabalho. Ou melhor, pesquisadores e agentes sociais trabalharam conjuntamente para a elaboração de um mapa, o *Story Map*, que representa o macro a partir do micro - o trajeto e a história de Sofia exemplificam e traduzem o trajeto dos milhares de refugiados de venezuelanos que cruzam a fronteira todos os dias.

4 CONCLUSÃO

A cartografia como objeto de estudo escolar pode ser, para muitos estudantes, cansativo e enfadonho, ou visto como mero acessório de outras disciplinas escolares, principalmente da Geografia. Tendo este quadro, destacamos ainda mais a importância do trabalho da OBRAC em divulgar este campo das ciências como algo que tem muito a se descobrir e a se aproveitar.

Além disso, promover debates sobre assuntos que são importantes e permeiam a nossa sociedade, mas que, por se tratar de questões que atingem minorias, nem sempre são levantadas com o destaque que merecem pelo grande público, é algo de se exaltar na organização deste evento. As tarefas, como mostrado neste artigo, não se limitavam a problemas técnicos, matemáticos, estéticos ou de materiais de confecção dos produtos, mas nos traziam a necessidade de se colocar no lugar do outro, de se criar empatia com o deficiente físico, visual ou com o refugiado. Daí, o olhar atento que o jovem aluno participante desenvolveu a partir desta experiência, se abrange para outros campos.

Participar da Olimpíada Brasileira de Cartografia é um dos mais cansativos desafios extracurriculares que um professor ou estudante pode enfrentar, tendo em vista as horas de estudos extras, responder as questões das provas teóricas em grupos e dar conta das diversas demandas que a produção de um produto cartográfico fidedigno exige. Mas também é uma das experiências mais gratificantes que se pode ter durante a vida escolar, pelo desenvolvimento do espírito de equipe, expectativa sobre os resultados e vontade de se superar cada vez mais. Nossa equipe, que representou o Colégio Dom Feliciano em 2019, é um exemplo disso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, L. C. **Mapa Tátil: passaporte para inclusão**. Florianópolis: UFSC, 2005
- BRASIL. Lei nº 9474 de 22 de julho de 1997. Estatuto do Refugiado. 1997. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9474.htm>. Acesso em 07 ago. 2020.
- CACCIA, C. S. Promoção de rotas acessíveis: análise das condições das calçadas na área urbana de Cotiporã/RS. Porto Alegre: UFRGS, 2019.
- DE BIAGGI, E. M. Cartografia e Grande Imprensa: análise das representações do Leste Europeu - 1992. Dissertação de Mestrado. DG/FFLCH/USP, São Paulo, 1996.
- FITZ, P. R. **Cartografia Básica**. São Paulo: Oficina dos Textos, 2008.
- HUMAN RIGHTS WATCH. Venezuela: Relatório Mundial 2018. 2018. Disponível em: <<https://www.hrw.org/pt/world-report/2018/country-chapters/313038>>. Acesso em 07 ago. 2020.
- IBGE. Censo 2010: Amostra - Pessoas com deficiência. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/gravatai/pesquisa/23/23612>> Acesso em: 10 ago. 2020.
- ITURRIOZ, T. *et al.* **Creating story maps for learning purposes: The Black Death Atlas**. Proceedings, 6 th International Conference on Cartography and GIS. Albena, 2016.
- LIMA, R. P. **Do outro lado da fronteira : a política para as migrações na construção da identidade internacional do Brasil**. Porto Alegre, RS: 2020. Originalmente apresentado como dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- LOCH, R. E. N. Cartografia Tátil: mapas para deficientes visuais. In Portal de Cartografia das Geociências, v. 1, n. 1, 2008. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/portalcartografia/issue/view/v.1%20n.1>> Acesso em 20 nov. 2020.
- MINISTÉRIO PÚBLICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Cartilha de Acessibilidade Arquitetônica e Urbanística - Município legal é município acessível**. Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/uploads/1300284238CartilhaxMinxPubxMunicipioxLegalxexMunicipioxAcessivelx22dezembro2010.pdf>> Acesso em 10 ago. 2020.

- PEREIRA, D. P. Estudo de caso: acessibilidade no quarteirão 1 e entorno do campus centro da UFRGS. Porto Alegre: UFRGS, 2019. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/205787>> Acesso em 30 ago. 2020.
- RINO, L. H. M.; PARDO, T. A. S. **A Sumarização Automática de Textos: Principais Características e Metodologias**. - Instituto De Ciências Matemáticas e de Computação, Universidade de São Paulo, [S. l.], 2003. Disponível em: <<https://sites.icmc.usp.br/taspardo/JAIA2003-RinoPardo.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2020.
- SANTOS, D. CARTOGRAFIA SOCIAL: O Estudo da cartografia social como perspectiva contemporânea da Geografia. *Interespaço - Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*. Grajaú, v. 2, n. 6, p. 273-293, maio/ago. 2016.
- STOCKMANN, R. Livros ilustrados táteis e o processo de letramento de crianças com deficiência visual. Porto Alegre: UFRGS, 2019.
- VEJA. Brasileiros queimam acampamento e agridem venezuelanos em Roraima: Tumulto começou durante uma manifestação de moradores revoltados com a participação de estrangeiros em um assalto ocorrido na cidade de Pacaraima. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/brasil/brasileiros-queimam-acampamentos-e-agridem-venezuelanos-em-roraima/>>. Acesso em 15 ago. 2020.